

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

ABBI GLINES

*a primeira*  
**CHANCE**





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para meu tio Gerald. Obrigada por todos aqueles verões em que nos levou à praia, pelos pirulitos que sempre deixava numa tigela junto à porta quando eu ia visitar você e por acreditar em mim. Você era teimoso e mal-humorado, mas tinha um coração enorme.*

*Sinto sua falta e nunca me esquecerei de você.*

## PRÓLOGO

GRANT

Por que eu estava aqui? Por quê? Eu estava tão mal assim? Sério? No passado, conseguia me livrar dela e ir embora. Nannette foi minha transa fixa durante anos, mas depois ficou carente. E eu gostei disso. De certo modo, ela conseguiu me fisgar. Eu queria ser desejado – chegava a ser patético nesse nível. Meu pai raramente me ligava; minha mãe preferia estar com modelos franceses a ter que me dar atenção.

Eu estava muito ferrado.

Era hora de desencanar. Nan precisou de mim quando sentiu que estava perdendo Rush, seu irmão e porto seguro, para a vida nova que ele construía, com esposa e filho. Não que Rush não a recebesse de braços abertos – o problema é que ela era uma verdadeira megera. Tudo o que precisava fazer era aceitar a esposa dele, Blaire. Apenas isso. Mas aquela teimosa não queria dar o braço a torcer.

E foi para mim que ela correu, e eu, idiota, acabei me envolvendo. Agora, tudo o que me restava era um coração partido. Nan nunca o conquistara. Não completamente. Mas tocara num lugar que mais ninguém havia alcançado. Ela precisava de mim. Nunca ninguém tinha precisado de mim antes. Isso tinha me feito baixar a guarda.

Para provar meu argumento, aqui estava eu, na casa do pai de Nan, procurando por ela, esperando por ela. Tinha se descontrolado novamente, e Rush não iria resgatá-la. Ele havia aposentado a capa de Super-Homem e decidido que os dias de correr atrás da irmã tinham acabado. Eu queria que aquilo acontecesse. Eu era tão patético que tinha desejado ser o herói dela. Droga, eu era um merda.

– Beba, garoto. Você está precisando – disse Kiro, pai de Nan, me empurrando uma garrafa de tequila pela metade. Ele era o vocalista da maior banda de rock do mundo. A Slacker Demon já tinha 20 anos de estrada e suas músicas ainda disparavam para o primeiro lugar sempre que lançavam um novo disco.

Tentei argumentar, mas mudei de ideia. Ele tinha razão. Eu precisava beber um pouco. Nem pensei por onde a boca do cara já tinha passado quando encostei o gargalo da garrafa nos lábios e entornei.

– Você é esperto, Grant. O que não consigo entender é por que diabo atura as merdas que a Nan faz – disse Kiro, jogando-se no sofá de couro branco à minha frente.

Ele vestia uma calça jeans preta bem justa e uma camisa prateada desabotoada. Tinha o peito e os braços cobertos de tatuagens. As mulheres ainda ficavam loucas por ele. Não pela aparência. Ele era magro demais. Uma dieta baseada em álcool e drogas deixava as pessoas assim. Mas ele era Kiro. Era só o que importava para elas.

– Não vai falar nada? Droga, ela é minha filha e nem eu aguento. É uma vadia, igualzinha à mãe – comentou, antes de tragar um baseado.

– Já chega, pai. – A voz angelical que preenchia minhas fantasias veio da porta.

– Aí está minha filhinha. Ela saiu do quarto e veio dizer oi – disse Kiro, sorrindo para a filha que amava. A filha que ele não abandonara.

Harlow Manning era de tirar o fôlego. Ela não parecia a filha de um astro do rock. Parecia uma menina inocente e doce do interior, com cabelos compridos e escuros e olhos que faziam você esquecer o próprio nome.

– Queria saber se você vai sair ou jantar em casa hoje.

Percebi que ela entrou na sala e me ignorou de propósito. Aquilo me fez sorrir.

Harlow não gostava de mim. Eu a havia conhecido na festa de noivado de Rush e Blaire, depois falei com ela durante o casamento deles. Nenhuma das vezes terminou bem.

– Estava pensando em sair. Preciso agitar um pouco. Tenho ficado muito tempo dentro dessa casa.

– Ah. Tudo bem, então – disse ela com uma voz suave, que, juro, era inebriante.

Kiro franziu a testa.

– Está se sentindo sozinha? Ficar trancada no quarto com todos aqueles livros está começando a afetar você, filhinha?

Eu não conseguia tirar os olhos de Harlow. Ela raramente aparecia quando eu vinha aqui. Nan não era exatamente gentil com ela. Eu sabia por que ela tratava mal a irmã: morria de inveja de tudo o que tinha a ver com Har-

low. Mesmo que a pobrezinha não fosse culpada pelo fato de Kiro amá-la e não ligar para Nan. Harlow iluminava os lugares por onde passava. Havia nela uma paz difícil de explicar. Fazia você querer ficar perto dela para ver se conseguia absorver essa sensação. Era fácil que alguém egoísta como Kiro a amasse. E era difícil que pessoas normais amassem Nan – muito menos o próprio pai, Kiro Manning.

– Não, está tudo bem. Eu só ia esperá-lo para jantar, se você fosse ficar por aqui. Se for sair, vou comer um sanduíche no meu quarto.

Kiro balançou a cabeça.

– Não gosto disso. Você passa muito tempo trancada lá. Não leia mais nada hoje. Grant está aqui e precisa de companhia. Ele é gente boa, converse um pouco com ele. Vocês podem até jantar juntos enquanto Nan não chega.

Harlow enrijeceu e finalmente olhou na minha direção, mas apenas por um instante.

– Acho melhor não.

– Vamos lá, não seja malcriada. Grant é um amigo da família. Ele é irmão do Rush. Jante com ele.

Harlow endireitou a postura e evitou fazer contato visual comigo.

– Ele não é irmão do Rush. Se fosse, seria ainda mais nojento por estar dormindo com Nan.

Kiro riu como se Harlow fosse a pessoa mais engraçada do mundo e ele tivesse orgulho de sua coragem.

– Minha gatinha tem garras, e você parece ser o único capaz de fazer com que elas apareçam. Dormir com a irmã malvada acabou colocando você na lista negra da minha filhinha. Isso é muito engraçado. – Ele parecia estar se divertindo demais e deu outra longa tragada no baseado.

Eu não achava graça de nada. Não gostava do fato de Harlow me odiar. Mas não sabia direito como resolver isso. Nunca poderia virar as costas para Nan; ela não conseguiria lidar com mais um abandono. Mesmo que merecesse. Estava evitando pensar nos caras da boy band com quem ela andava atualmente. Eu tinha me enganado a respeito deles: achava que dormiam uns com os outros. Na verdade, todos estavam comendo a Nan.

– Boa noite, papai – disse Harlow, então se virou e saiu da sala antes que Kiro pudesse argumentar.

Ele deixou a cabeça pender para trás e fechou os olhos.

– Uma pena ela odiar você. Harlow é especial. Só conheci outra igual: a

mãe dela. Aquela mulher roubou meu coração. Eu a adorava. Idolatrava o chão onde ela pisava. Teria abandonado toda essa merda de vida por ela. Já tinha até planejado isso. Queria acordar e vê-la ao meu lado. Queria vê-la com nossa filhinha e saber que as duas eram minhas. Mas o desejo de Deus foi mais forte. Ele a levou para longe de mim. Nunca vou conseguir superar isso. Nunca.

Não era a primeira vez que eu o ouvia falar sobre a mãe de Harlow. Sempre fazia isso quando estava chapado. A mulher era a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. Eu não conhecia esse tipo de amor. Na verdade, nem sabia se gostaria de conhecer. Aquilo tudo me deixava muito assustado. Kiro nunca tinha se recuperado. Conheci o cara quando era moleque. Meu pai tinha se casado com Georgianna, a mãe do Rush. Uma vez, quando o pai dele fora pegá-lo para passar o fim de semana fora, Rush implorou para que me levassem junto.

Fiquei admirado. Aquele havia sido o primeiro de muitos fins de semana com os dois. E Kiro sempre falava “dela” e amaldiçoava Deus por tê-la levado embora. Eu ficava fascinado, mesmo quando criança; nunca tinha visto tanta devoção a alguém.

Depois que o casamento do meu pai com Georgianna acabou, continuei próximo do Rush. Então o pai dele ainda me pegava às vezes, quando ficava com o filho. Cresci conhecendo pessoalmente a maior banda de rock do mundo.

– Nan odeia a irmã. Não consigo entender como é possível odiar Harlow. Ela é doce demais! A menina nunca fez nada para Nan, mas ainda assim ela é tão venenosa quanto uma cobra. A coitada da Harlow tenta ficar longe dela. Odeio ver minha filha tão indefesa. Ela precisa ficar mais forte. Precisa de um amigo. – Kiro pousou o baseado no cinzeiro e virou a cabeça para olhar para mim. – Seja amigo dela, garoto. Ela precisa de um.

Eu queria ser muito mais do que amigo de Harlow Manning. Mas ela nem mesmo dirigia o olhar para mim. Já havia lhe lançado mais de uma vez um dos meus sorrisos arrasa-quarteirão, mas acabava sempre ignorado. Eu ficava louco.

– Não sei se posso ser amigo dela e da Nan ao mesmo tempo.

Kiro franziu a testa, depois se sentou, inclinando-se para a frente.

– Existem três tipos de mulher nesse mundo. Aquelas que sugam você

até a última gota e o deixam sem nada. Aquelas que só querem se divertir. E aquelas que fazem a vida valer a pena. Esse último tipo... A mulher certa é aquela que dá na mesma medida em que recebe, e você nunca se cansa de estar com ela. Ela é do tipo que... se você perdê-la, acaba se perdendo.

Os olhos vermelhos daquele homem denunciavam que ele não havia fumado apenas um baseado hoje. Mas, mesmo chapado, o que ele dizia fazia sentido. Se alguém conhecia as mulheres, era Kiro Manning.

– Eu tive as três. Queria muito ter ficado longe da primeira. A segunda é o que mais passa pelas minhas mãos. Mas a terceira... Nunca mais vou ser o mesmo. E não me arrependo de nenhum minuto que fiquei com a mãe de Harlow.

Ele deslizou a mão pelos cabelos desgrenhados.

– Nannette faz parte do primeiro tipo. Tenha cuidado. Elas fodem você e depois saem rindo.



## HARLOW

*Três meses depois...*

Nove meses. Apenas nove meses. Eu podia aguentar. Ficaria escondida no meu quarto e só sairia quando ela não estivesse aqui. As aulas já iam começar e os cursos poderiam me distrair. Então meu pai estaria em casa e eu iria embora. Eu poderia fazer isso. Tinha que fazer. Ele não me deu alternativa.

A casa estava mergulhada no silêncio. Acordei às duas da madrugada com o barulho de Nan transando com algum idiota. Coloquei os fones de ouvido e aumentei o volume até o máximo. Consegui voltar a dormir depois de um tempo. De manhã, a música estourando os meus tímpanos, não soube se estava ou não sozinha em casa. Já tinha passado das dez e tudo estava muito quieto; provavelmente não havia ninguém. Além disso, Nan não parecia ser do tipo que deixava os caras passarem a noite.

Ela transava com eles e depois os mandava embora.

Levantei-me da cama e passei as mãos pelos cabelos para desembaraçar os fios antes de aparecer no corredor. Não ouvia nada mais que o silêncio. Poderia comer em paz. Nan não estava em casa quando cheguei ontem à noite, mas é bem provável que tenha notado meu carro estacionado lá fora. Meu pai deixou um Audi me esperando assim que aterrissei no aeroporto.

Depois que encontrei a casa, fiz compras e descarreguei a comida e a bagagem. Kiro havia comprado essa casa para Nan com a condição de que ela me hospedasse por nove meses enquanto ele estivesse em turnê com a Slacker Demon. Nan queria uma casa na praia de Rosemary, na Flórida. Então ele providenciou uma bem grande. Tudo o que meu pai fazia era exagerado. O que era bom para mim. Em uma casa grande, eu conseguiria me esconder dela com mais facilidade. Infelizmente, havia apenas uma cozinha.

Percorri o corredor e segui para a escadaria em espiral, que passava pelos dois andares superiores até chegar ao térreo. Meus pés descalços não faziam muito barulho nas tábuas de madeira. Tinha acabado de pegar meu

leite orgânico na geladeira quando ouvi uma porta se abrir e se fechar em algum ponto da casa.

Congelei e pensei em devolver o leite para a geladeira e me esconder. Ainda não estava preparada para encarar Nan. Precisava de um café antes. Alguém descia as escadas com passos pesados, que com certeza não eram de Nan, o que me deixou mais nervosa. Não seria nada agradável dar de cara com um homem estranho por ali. E eu nem tinha trocado de roupa. Vestia apenas um short cor-de-rosa de bolinhas e uma regata. Procurei um lugar para me esconder, mas, antes que eu pudesse pensar, a pessoa já havia chegado ao térreo.

Eu estava presa... a menos que me escondesse atrás da bancada. Talvez ele não fosse passar por ali. A porta da frente ficava depois da cozinha, mas a dos fundos era bem ao lado das escadas. Coloquei a caixa de leite sobre a bancada de cobre e esperei. Mal ouvia os passos agora. Concentrei-me nos ruídos, tentando descobrir de onde vinham.

Já era tarde demais para me esconder quando percebi que ele estava descalço e caminhava na minha direção. Olhei nos olhos de Grant quando ele entrou na cozinha vestindo apenas uma cueca boxer preta. Ele parou quando nossos olhos se encontraram. Ficamos um momento em silêncio, um encarando o outro. Era ele o cara que tinha me acordado à noite. Meu estômago se revirou. Não queria pensar em Grant na cama com Nan.

Mas a ideia tomou conta de mim como um balde de água fria. Grant continuava transando com Nan. Tudo aquilo que tinha me dito era mentira. Ele havia feito uma promessa para mim, uma promessa que não pedi e que ele nunca teve a intenção de cumprir.

– Harlow? – chamou ele, com a voz áspera de sono. Passara a maior parte da noite acordado. Devia estar exausto.

Eu não respondi. Não consegui pensar em nada para dizer. Nem esperava que ele estivesse em Rosemary. Mas ele estava... e, ainda por cima, na cama de Nan.

Eu era uma idiota.

*Três meses antes...*

Uma batida na porta interrompeu minha passagem favorita de um livro que eu já tinha lido pelo menos umas dez vezes. Irritada, larguei o Kindle.

– Pois não?

A porta foi lentamente aberta e Grant Carter enfiou a cabeça linda dele no meu quarto. Qualquer garota desejava brincar com aqueles cabelos longos, que se enrolavam nas pontas e se acumulavam atrás das orelhas. Eu costumava imaginar a maciez deles. Seus olhos cintilavam como se ele soubesse exatamente o que se passava pela minha cabeça, então forcei uma careta. Eu nunca fazia cara feia, então era uma novidade que reservava apenas a ele.

Não era muito justo. Eu não gostava dele por princípio. Grant sempre foi muito legal comigo, mas o fato de estar num relacionamento com Nan bastava para eu não gostar dele. Se um cara era capaz de gostar dela, devia ter alguma coisa errada.

– Pedi comida chinesa. Quer me ajudar a comer? Acho que exagerei.  
– Era tão difícil desviar a atenção de seus olhos azuis. Foram eles que me venceram logo na primeira vez que o vi. Mas isso foi antes de eu saber que ele era o Grant da Nan.

– Não estou com fome – respondi, torcendo para que meu estômago não roncasse e me denunciasse. Eu queria comer alguma coisa, mas o livro tinha prendido minha atenção. Ver Grant sempre me fazia querer fugir para uma das minhas histórias, em que caras do tipo dele se apaixonavam por garotas como eu. Não garotas como Nan.

– Não acredito em você – disse ele, abrindo a porta e entrando com uma bandeja cheia de caixinhas do restaurante em Chinatown que meu pai adorava. – Me ajude a comer. Não é porque namorei Nan que estou infectado. Você me trata como se eu tivesse uma doença contagiosa. Para ser sincero, isso me magoa.

Sério? Ele ficava magoado? Não era minha intenção. Para mim ele nem se importava. Além disso, foi ele que fugiu xingando quando descobriu quem eu era, na noite em que nos conhecemos, depois de ter dado em cima de mim.

– *Namorou?* – perguntei, surpresa. – Você está aqui esperando por ela. O verbo não deveria estar no passado. – Eu soava como uma professora primária.

Grant riu e se sentou ao meu lado na cama, acomodando a bandeja na mesinha de cabeceira.

– Nan é minha amiga. Só quero ver como ela está. Não estamos namorando. Além disso, acabei de saber que ela voltou para Rosemary.

Era *isso*. Só *isso*. Ele era *amigo* dela. Mas quem em *sã* consciência seria amigo de Nan? Ninguém que eu conhecesse.

– Ela está dormindo com os caras da Naked Marathon. Com certeza você a viu nas revistas de fofoca, nos braços do Seller. Semana passada ela virou notícia com o Moon e estão dizendo que teria até separado a banda. Mas *isso* não vai acontecer.

Grant abriu a caixa de papelão que continha frango agridoce, enfiou um par de pauzinhos e me entregou.

– Quer o agridoce ou o com mel? Pode escolher.

Peguei o agridoce.

– Esse está bom. Obrigada – respondi.

O sorriso dele se alargou. Ele não esperava que eu aceitasse.

– Ótimo, eu queria o frango com mel – comentou, dando uma piscadela. Odiava quando eu começava a ficar nervosa. *Isso* não devia acontecer. Grant estava do outro lado de uma linha que eu nunca cruzaria.

– Não é da minha conta com quem Nan está transando. Acabou tudo entre nós. Só quero saber se ela está bem, se não vai sair dos trilhos de novo. Ela está em casa agora, então acho que não há mesmo nenhum problema.

Por que ele se preocupava tanto? O que ela fizera para merecer esse tipo de afeição de alguém como Grant?

– É muito legal da sua parte – falei, sem saber exatamente o que dizer. Mordi um pedaço do frango.

– Você vai usar *isso* contra mim, não vai? – perguntou ele, me encarando de um jeito que fazia com que eu me contorcesse.

– Ué, você pode proteger quem quiser, Grant. Só estamos dividindo essa comida chinesa. Não importa o que eu penso ou deixo de pensar – respondi, antes de colocar mais frango na boca.

Grant franziu a testa e logo um sorrisinho surgiu em seu rosto.

– Parece que ficamos cheios de não me toques toda vez que me aproximo de você. Não gosto desses joguinhos. Não é a minha, docinho. Então vou direto ao assunto – disse ele, apoiando a comida na mesa e virando o corpo para ficar de frente para mim.

Tentei me acalmar enquanto meu coração batia acelerado. O que ele queria? O que eu ia fazer se ele chegasse mais perto? Os caras não flertavam comigo. Eles não entravam no meu quarto. Eu era a filha esquisita e desajeitada do Kiro. Grant não entendia *isso*?

– Não quero que você me odeie – disse ele simplesmente.

Eu não o odiava. Balancei a cabeça.

– Não odeio você.

– Odeia, sim. Não estou acostumado com gente me odiando. Principalmente meninas bonitas. – Deu um sorriso malicioso.

Ele tinha me chamado de bonita. Será que achava isso mesmo? Ou só estava com pena porque eu não me encaixava socialmente?

– Harlow, você tem ideia de como consegue me deixar sem ar? Olhar para você pode ser viciante.

Uau.

– Seu rosto confuso e perturbado já respondeu à minha pergunta. Você não sabe como é incrível. É uma pena – disse ele, esticando o braço e enrolando no dedo uma mecha do meu cabelo. – É mesmo uma pena.

Eu não tinha certeza se estava respirando. Todo o meu corpo se retesou. Não conseguia me mexer. Grant estava me tocando. Era só o meu cabelo, mas a sensação era tão boa. Olhei para a mão dele e observei o polegar percorrer gentilmente a mecha que segurava.

– Parece seda – disse ele com a voz abafada, como se não quisesse que alguém o escutasse.

Fiquei parada, observando. O que devia dizer?

– Harlow – disse, aproximando-se. Dava para sentir seu hálito quente.

– O quê? – Olhei para ele enquanto vinha na minha direção.

– Eu penso em você. Sonho com você – sussurrou na minha orelha. Estremeci e senti que perdia a firmeza da mão. Deus, por favor, não me deixe derrubar toda essa comida.

– Você é doce demais para mim, mas não estou nem aí – disse ele, beijando meu pescoço, logo abaixo da orelha. – Não quero que me odeie. Quero que me perdoe por ter ficado com Nan. Acabou.

Falar em Nan foi o suficiente para me tirar do transe. Pulei da cama e atravessei o quarto, de modo que ficasse a uma distância segura.

Não olhei para Grant. Fiquei de costas para ele e fitei a paisagem do outro lado da janela. Talvez ele simplesmente saísse. Senti meu rosto esquentar. Eu tinha deixado Grant chegar perto demais. Tinha permitido que ele beijasse o meu pescoço. O que eu estava pensando?

– Eu não deveria ter tocado no nome dela – comentou ele num tom derrotado. Era observador. – O que diabo posso fazer para provar que não

quero mais nada com Nan? Que ela não passou de um momento de insanidade e fraqueza? Eu sou homem e ela estava lá. Cometi um erro.

Ele queria que eu o perdoasse tanto quanto eu queria esquecer Nan. Eu gostava do Grant. Não, na verdade eu fantasiava com o Grant. Desde o dia do casamento do Rush, quando ele me encurralou na festa. Mesmo sendo alguém em quem eu tinha receio de confiar. Eu gostava de olhar para ele. Gostava de ouvir sua voz. Gostava do seu cheiro e do som da sua risada. Do jeito como sua boca se curvava quando achava algo engraçado. E das tatuagens que apareciam pela gola da camisa. Queria vê-las por inteiro.

– Não posso ter uma chance? Uma chance de provar que não sou como Nan. Posso ser um ótimo amigo. Só preciso que você me dê um crédito.

Normalmente eu era uma pessoa benevolente. Minha avó tinha me ensinado a perdoar, me criado para ser sempre gentil. Dizia que todo mundo merecia uma segunda chance. Um dia eu mesma também poderia precisar de uma segunda chance.

Virei-me e olhei para Grant. Ele ainda estava sentado na minha cama. A camiseta azul-escura que vestia era justa nos braços e delineava os músculos do peito. Também destacava a cor dos olhos dele. Como alguém podia não confiar em Grant?

– Eu gostaria de ser sua amiga – falei. Não sabia direito o que dizer.

Aquele sorriso torto iluminou o rosto dele.

– Gostaria? Você me perdoa?

Assenti com a cabeça e me obriguei a dar um passo na direção da cama.

– Sim. Mas não... não... não faça aquilo outra vez – pedi, tocando o local que ainda formigava por causa do contato com seus lábios.

Grant soltou um suspiro derrotado e concordou:

– Vai ser difícil, mas prometo que não vou fazer. Não até você pedir. – Ele parou e apontou para o lugar onde eu tinha me sentado. Andei até lá e me sentei na cama novamente. Grant se inclinou para a frente. – Mas Harlow... – começou a dizer.

O cheiro de homem que exalava dele me fez querer inspirar profundamente.

– Sim? – Apenas esperava que ele não me tocasse. Eu parecia perder o controle quando isso acontecia.

– Você vai pedir.

Já ia argumentar, mas, antes que qualquer palavra pudesse sair, Grant enfiou um pedaço de frango com mel na minha boca.

– Não diga nada. Vou poder falar “Eu te avisei” quando isso acontecer. E não quero humilhá-la. Ainda mais uma menina que quero fazer sorrir, não me estapear.

Mastiguei o frango antes que uma gargalhada escapasse. Ele era realmente adorável. O que não percebia era que eu nunca poderia ceder. Não seria justo com ele. Ele não sabia a verdade e eu não queria que soubesse. Mudava a forma como as pessoas me olhavam. Não conseguia suportar a ideia de Grant olhando para mim do mesmo jeito que outros o fizeram.

## GRANT

### *Dias de hoje*

**E**u não a via desde a noite em que recebi a ligação sobre Jace. A noite em que... a noite em que tirei sua virgindade. *Ela era virgem*. Eu não esperava por isso. Tinha sido minha primeira vez também – eu nunca havia transado com uma virgem antes. Alguma coisa nessa história me afetou mais do que deveria. Mesmo sabendo que não estava pronto para um relacionamento sério, queria reclamar meus direitos sobre ela. Ficava me perguntando se não teria fugido de medo mesmo que Tripp não tivesse ligado.

E, finalmente, aqui estava ela. Não seria mais afastada de mim pelo pai ou por qualquer outra pessoa que me impedisse de chegar perto.

– Ontem à noite. Era você – disse ela, simplesmente.

Senti vontade de xingar e socar a parede. Eu não era um cara violento. Nunca perdia a calma, mas, naquele momento, estava perto disso. Harlow estava aqui. Ela devia ter me ouvido com Nan. *Que merda!*

– Você não ligou. Eu não sabia. – Ela parou de falar e balançou a cabeça.

Eu não conseguia encontrar as palavras certas. Não havia nenhuma. Não conseguiria explicar de um jeito que ela pudesse entender. Eu a vi colocar o leite de volta na geladeira e fechar a porta. Manteve a cabeça baixa, deu a volta na bancada da cozinha e já ia saindo. Eu precisava dizer alguma coisa. Precisava me explicar. Tinha ligado, sim, mas nunca ninguém me deixava falar com ela. E ela nunca me atendia quando eu tentava o celular. Mas, cacete, ela não merecia isso. Não quando havia me confiado algo tão importante quanto sua inocência.

– Acho que sou eu que posso dizer “Eu te avisei” dessa vez – sussurrou ela ao passar por mim.

Meu coração parecia pesar uma tonelada. Cerrei os punhos e fechei os olhos. O que eu tinha feito? E por quê? Por que deixava Nan ferrar minha vida?



Por que diabo também tinha que beber tanto uísque ontem à noite? Nem teria aparecido aqui se estivesse sóbrio. E Harlow... Harlow... O que Harlow estava fazendo aqui? Eu me virei e olhei para a escadaria. Uma porta se fechou. Harlow não era mulher de bater portas ou sair gritando por aí. Simplesmente não era assim. Qualquer outra teria me xingado e talvez partido para a violência, depois teria subido as escadas correndo e batido a porta. Mas não Harlow. O que piorava ainda mais a situação. Como se isso fosse possível.

*Quase três meses antes...*

Harlow saiu de casa, sentindo-se insegura. Levei vinte minutos para convencê-la a ir nadar comigo. Ela inventou todo tipo de desculpa. Mas eu podia ser bem persuasivo quando queria. A enorme camiseta da Slacker Demon cobria qualquer roupa de banho que ela estivesse vestindo. Fiquei meia hora esperando. Estava quase subindo para tirá-la do quarto. Tinha chegado de Los Angeles havia poucas horas. Era difícil ir a Rosemary quando eu só conseguia pensar no sorriso doce de Harlow. Estava ansioso para ficar perto dela.

– Finalmente! Achei que ia furar comigo – falei, levantando-me da espreguiçadeira em que estava recostado enquanto esperava.

Harlow corou.

– Desculpe por ter demorado.

Como se ela precisasse se desculpar. Não havia como nenhum homem ficar remotamente irritado com ela. Era impossível. Ela era muito doce e tinha uma sensualidade inocente. Estava na faculdade. Já devia ter namorado alguém. No colégio, os meninos não deviam sair de cima dela.

– O importante é que você está aqui agora. Vamos nadar. Está muito quente hoje.

Harlow pegou na barra da camiseta e eu pensei em mergulhar logo em vez de assisti-la se despir. Seria a coisa mais educada a fazer, mas obviamente eu não conseguiria convencer meus olhos de que desviar a atenção era a melhor ideia. Estavam vidrados em todos os movimentos que ela fazia.

Nós estávamos... Não sabia direito o que estávamos fazendo. Era o relacionamento mais estranho – se é que se podia chamar de relacionamento – que eu já tivera. Harlow deixava que eu me aproximasse cada dia mais,

mas ainda mantinha sua guarda levantada. Não consegui tocar a pele dela novamente.

Meus olhos absorviam suas longas pernas conforme a camiseta era erguida, revelando um maiô branco simples, sem decote. Nem lembrava mais a última vez em que vira uma garota de maiô. Mas era branco. Puta merda. Senti que estava ficando duro enquanto percorria o corpo dela com os olhos, das pernas até os mamilos, claramente visíveis sob o tecido.

Mergulhei na água antes que ela ficasse muito assustada. Nadei até o outro lado da piscina, levantei a cabeça para respirar e olhei para Harlow. Ela estava descendo a rampa. Meu Deus, como era perfeita. Harlow ergueu os olhos e sorriu para mim. Ainda bem que minha reação a ela estava escondida debaixo d'água.

Quando a altura da água chegou aos seus ombros, ela pareceu relaxar. Exibir o corpo a deixava nervosa. Dava para ver que ela estava com vergonha. Eu não entendia por quê. Era como me desafiar. Eu queria muito ver o corpo dela totalmente exposto para mim. E queria que ela gostasse disso. Desejasse.

– Venha pra cá, minha linda. Nade com os grandinhos – brinquei.

Ela contorceu a boca. Não gostava que eu a chamasse de “linda”. Mas sua reação ao elogio me dava ainda mais vontade de fazer de novo.

– Eu não confio nos grandinhos – respondeu. Inclinou a cabeça para o lado e ergueu a sobrancelha.

Rindo comigo mesmo, não lembrava a última vez em que uma mulher tinha me divertido tanto.

– Está com medo?

Harlow franziu as sobrancelhas e eu ri mais alto. Para convencê-la a fazer algo, você devia provocá-la – ela nunca recuava diante de um desafio ou de uma ameaça. Havia em Harlow uma tenacidade silenciosa que você não saberia que existe se não passasse um tempo com ela.

– Minha lindinha está ficando exaltada. Venha me pegar.

Ela soltou um pequeno resmungo de frustração.

– Pare de me chamar assim.

– Não. – Foi minha única resposta.

– Você me deixa louca.

Cheguei um pouco mais perto dela.

– Eu deixo a maioria das garotas loucas, gata. É o meu jeito. E elas gostam.

Um sorrisinho surgiu em seus lábios, mas ela se esforçava para manter a cara amarrada.

– Não consigo imaginar por que gostam tanto.

Parei a alguns centímetros do seu corpo.

– Pelo mesmo motivo que você. Eu sou tão sensual que você não consegue se afastar.

Harlow soltou uma risada.

– É mesmo? Se me lembro bem, é você quem vive aparecendo lá em casa. Não sou eu que não consigo me afastar.

Era um bom argumento. Eu tinha percorrido todo o caminho, da Flórida até aqui, só para vê-la. Pousei uma das minhas mãos no quadril dela. Seu corpo enrijeceu com o meu toque.

– Certo, talvez eu não consiga mesmo ficar longe, mas você continua permitindo que eu me aproxime cada vez mais, linda.

Harlow suspirou.

– Acho que você me pegou.

– Viu? Sou sensual e irresistível.

Ela ameaçou dizer algo, mas parou.

– Desistiu de discutir comigo? – perguntei, chegando perto o bastante para nossos corpos quase se tocarem. Mais um movimento e os seios dela roçariam no meu peito.

– O que você está fazendo? – perguntou ela. Sua respiração tinha se acelerado e seu olhar nervoso a fazia parecer um cervo assustado.

– Só estou chegando mais perto. Você me dá vontade de chegar mais perto.

Harlow respirou fundo e olhou para baixo, para nossos corpos, antes de voltar a me fitar.

– Acho que amigos não fazem isso – disse ela.

Eu a puxei para junto do meu corpo, segurando seu quadril com firmeza com as duas mãos.

– Não fazem. Mas eu também não penso nas minhas amigas como penso em você. Diga que não se sente atraída por mim. Diga que não deseja me tocar ou se aproximar mais.

Se ela recusasse, eu me afastaria. Seria difícil, mas eu me afastaria. Daria a ela o espaço de que precisava. Eu só queria ouvi-la dizer que não me desejava, porque eu a desejava demais.

– Não tenho certeza... Não acho... O que eu quero é irrelevante. Você e Nan...

– Nan e eu terminamos. Não há mais Nan e eu. Mas existe a chance de um *you e eu*. Mesmo que você não admita.

– Eu não tenho nada a ver com a Nan.

– Acha que eu não sei disso? Garota, se você fosse como a Nan, eu não estaria aqui. Terminei tudo com ela porque aquela mulher é um veneno. Você é tudo o que ela não é.

O corpo de Harlow começou a relaxar lentamente sob meu toque. Desenhei pequenos círculos com os polegares junto à cintura dela, com delicadeza.

– Os caras costumam gostar de mim por causa do meu pai. Eu mantenho distância. Não quero ser apenas um troféu.

Uma dor aguda atingiu meu peito ao ouvir tanta vulnerabilidade naquelas palavras. Merda. Rush passara pelo mesmo problema, mas não era uma menina inocente. Era um homem que pouco se importava. Não estava procurando ninguém que gostasse dele pelo que era. Não até conhecer Blaire. Pensar em alguém usando a doce Harlow só para se aproximar do pai dela me deixava putó. Se eu pudesse ir atrás de todos os cretinos que a magoaram...

Levantei a mão e ergui o queixo dela, de modo que me fitasse diretamente nos olhos. Queria que ela percebesse que eu estava falando sério. Queria que acreditasse em mim.

– Eu nunca usaria você para me aproximar do seu pai. Conheço Kiro desde criança. Rush é meu melhor amigo. Não fico deslumbrado por estar perto dos caras da banda ou pelo estilo de vida da Slacker Demon. É você. Eu quero você. Só você, Harlow. Só você.

Lágrimas surgiram de seus grandes olhos castanhos e ela piscou rapidamente. Ninguém nunca tinha lhe dito isso?

– Você vai me beijar agora? – sussurrou ela.

Droga. Eu me sentia de volta à escola, com minha primeira paixãoite. Cinco palavras fizeram minhas mãos tremerem. Nunca esperei que ela me perguntasse isso. Mas também não lhe daria tempo para mudar de ideia. Cobrir seus lábios macios com os meus era como o nirvana. Harlow tinha um sabor tão doce. Era por isso que havia começado a chamá-la de “docinho”.

Lambi seu lábio inferior porque primeiro deveria explorar sua boca. Sorver seu calor. Senti-la pressionar o corpo contra o meu e enrolar as mãos nos meus cabelos. Eu ia ficar com ela. Faria tudo o que fosse preciso para ficar com ela. Droga, até me mudaria para Los Angeles se fosse necessário. Não a deixaria ir embora. Pela primeira vez na vida, eu me sentia em casa.

– Eu te avisei – sussurrei junto aos lábios dela antes de reivindicar sua boca novamente.

## HARLOW

### *Dias de hoje*

Ele só tinha telefonado uma vez depois da morte do amigo. Estava bêbado e falava coisas sem sentido. Fiquei esperando que ligasse no dia seguinte, mas não foi o que aconteceu. Ele estava mal, então resolvi que aquilo era um sinal de que Deus estava consertando as coisas. Eu tinha estragado tudo ao deixar que Grant se aproximasse de mim, e não contara nada a ele. Tive sorte por ele não se importar comigo de verdade. Pensei que gostasse mesmo de mim e, por um instante, me permiti viver aquela fantasia.

Agora eu já sabia. Todas aquelas palavras doces não passaram de um joguinho, e tinham funcionado comigo. Caí que nem um patinho. Se eu pudesse apagar aquela noite, era o que eu faria. Não ia mais romantizá-la. Dei a ele uma parte de mim que nunca mais teria de volta. Ele tirou minha virgindade e foi embora. Pela primeira vez eu tinha me deixado enganar.

Sentei-me na cama e fiquei olhando para o golfo pela janela. Esses nove meses seriam ainda mais difíceis do que eu havia imaginado. Não apenas teria que lidar com Nan, mas com Grant e Nan. Não permitiria que nada disso me magoasse. Eu era mais forte.

Grant tirara minha virgindade, mas minha inocência já havia sido roubada. Jeremiah Duke era o responsável por isso. Eu achava que ele me amava; achava que ele era o meu príncipe encantado. Ele era tão atencioso e gentil. Carregava meus livros e me tratava com carinho. Eu lhe contara a verdade e ele fingiu que não importava.

Então o vi atrás das arquibancadas, depois do treino de futebol, com os shorts arriados e a saia de líder de torcida de Nikki Sharp levantada. Ele a comia junto à parede de cimento. Foi a gota d'água para mim. Foi quando percebi que era apenas a filha de Kiro e fiquei desolada. Eles me queriam apenas para manter certo status social. Não havia nada de especial em mim. Era isso que os caras enxergavam.

Exceto Grant.

Com ele, foi diferente. Ele não me via como a filha do Kiro. Apenas como um desafio. A partir do momento que colheu os frutos, tudo estava acabado. Minha avó vivia me alertando sobre caras como ele. Ela ficaria tão decepcionada se me visse agora. Balancei a cabeça. Não podia pensar nisso. Só me deixava pior. Eu era uma sobrevivente e não deveria dar importância a pessoas que não valiam a pena. Ter piedade de mim mesma nunca me levou a lugar nenhum. Não foi culpa minha. Onde quer que eu estivesse, independentemente da situação, eu sobrevivia. Era boa nisso. Minha avó sempre dizia: “Mantenha a cabeça erguida e não deixe que ninguém veja sua queda. Você é feita de aço. Não estou criando uma princesinha mimada. Estou criando uma mulher. Uma mulher trabalhadora e independente. Está me ouvindo?” Ela nunca agiu como se houvesse algo de errado comigo. Acreditava que eu era perfeita. Acreditava que eu me daria bem. E às vezes eu também tomava isso como verdade.

Levantei-me da cama e fui tomar um banho. Pensei em me arrumar e ir até o clube jogar tênis. Tinham um profissional com quem eu podia treinar. Depois eu jogaria uma partida de golfe. Encheria meus dias com coisas que pudesse fazer sem amigos. Talvez até pegasse um sol na piscina. Eu ia superar tudo isso.

*Dois meses e três semanas antes...*

Grant foi embora na manhã seguinte ao dia em que me beijara na piscina. Depois do beijo, ele começou a agir de um jeito estranho. Não entendi o que havia de errado, ou se ele havia se arrependido e ficara sem saber como se livrar de mim. Acordar e ver que Grant não estava lá respondeu a questão.

Meu pai também não estava em casa. Ele não voltava desde a última rodada de festas, mas aquilo não me surpreendia. Fiquei magoada com a fuga de Grant. Eu me odiava por sentir algo por ele. Beijá-lo havia sido um erro. Eu não fazia o seu tipo. Nenhuma pessoa normal desejaria ficar com Nan, como ele fez.

Ler não era mais tão interessante quanto antes de Grant aparecer. Em vez de ficar trancada no quarto, eu me joguei no tênis e na natação. Afastei a imagem dele da melhor forma possível. Seus lábios deveriam ter um aviso de *Cuidado, não toque*. Eram difíceis de esquecer.

Três dias depois de Grant desaparecer, eu estava nadando. Havia conseguido empurrar todos os meus pensamentos para o fundo da mente. Então, quando parei para respirar e vi Grant Carter olhando para mim, não soube se era imaginação ou se ele realmente estava ali.

Joguei os cabelos molhados para trás e enxuguei os olhos. Então os abri novamente, e ele ainda estava na beira da piscina.

– Oi – cumprimentou ele com um sorriso sexy.

Eu queria acertá-lo com alguma coisa para fazer aquele rosto sedutor desaparecer. Isso também era digno de aviso.

Eu não estava a fim de falar com Grant.

– Nan não está aqui – respondi.

Ela ainda não voltara de Rosemary. Eu tinha certeza de que Grant fora correndo para lá encontrá-la. Como sempre fazia.

– É, eu sei – respondeu ele.

Eu devia ter voltado a nadar e o ignorado. Era a coisa mais inteligente a fazer. Mas ele podia entender como um convite para se juntar a mim.

– O que você quer? – perguntei, tentando dar um tom bem irritado à voz.

– Vim ver você. Depois que um cara consegue seu beijo, é difícil esquecer – falou ele.

Não era a resposta que eu esperava. Engoli o nó de nervoso que surgiu em minha garganta. Eu ia acabar perdendo a pose e perdoando Grant se ele continuasse dizendo coisas assim. Onde estava minha determinação? Eu costumava ser mais forte do que isso.

– Você está zangada porque eu fui embora – comentou ele.

Pensei em revidar, mas mudei de ideia. Apenas lhe daria mais poder. Ele não precisava saber que me afetava tanto.

– Foi bem cafajeste da minha parte. Mas você me assustou. Gosto de flertar com meninas bonitas, mas não sei o que fazer quando um simples beijo faz minha cabeça girar. Você me faz desejar coisas e me sentir de outro jeito. Não estou pronto para isso.

E eu que esperava um pedido de desculpas qualquer, não aquilo.

– Ah – foi a única coisa que saiu da minha boca. O que ele queria dizer com essa história de o meu beijo ter feito a cabeça dele girar? Era uma coisa boa? Parecia que sim... talvez.

Grant passou a mão pelos cabelos e soltou um suspiro frustrado.



– Sei que não deveria ter ido embora sem dar uma satisfação. Foi injusto, eu fui egoísta. Infelizmente sou bom nisso. Eu só... O que posso fazer para que você me perdoe?

Ele ainda não tinha pedido desculpas. Perguntava como poderia ser perdoado. Alguém já perguntara isso antes? Que coisa diferente de ser pedir.

O alerta soava histericamente na minha cabeça, mas, de alguma forma, eu o ignorei. Meu coração queria perdoá-lo. E também não queria que ele se afastasse. Ninguém nunca havia dedicado tanto tempo para me conhecer. Acabei me acostumando a ficar sozinha. Ter alguém que desejava admitir que estava errado, alguém que se importava o suficiente para perguntar como consertar as coisas, significava muito mais do que eu imaginava.

– Não faça isso de novo – respondi.

Os olhos de Grant se arregalaram e lentamente um sorriso foi se formando em sua boca.

– Não vou fazer.

Dei um passo para trás e ele começou a tirar a camisa. Jogou-a de lado e tirou os sapatos, depois ergueu os olhos e fitou os meus.

– Não vou embora dessa vez. Quando se cansar de mim, você vai ter que me expulsar.

O sorriso bobo não saía do meu rosto.

*Dois meses e duas semanas antes...*

Quando a porta do meu quarto se fechou atrás de nós, eu sabia que estava na hora. Ficamos nos beijando e nos tocando durante a semana toda. Era difícil tirar as mãos um do outro. Grant fez com que eu sentisse coisas que eu não sabia serem possíveis. Ele me mostrou o que era um orgasmo de verdade. Também me ensinou que não havia problema nenhum em gritar de prazer. Gostava quando eu perdia a vergonha e me excedia nos ruídos. Isso sempre o deixava mais frenético. Sua respiração acelerava e seus olhos quase brilhavam de excitação.

Mas essa noite eu queria mais. Não ia interrompê-lo caso passasse dos limites. Não ia proibi-lo de tirar minha camisa. Permitiria que tudo o que desejássemos acontecesse. Eu tinha 20 anos. Já estava na hora de me tornar uma mulher de verdade e experimentar o sexo. Guardava a virgindade como se fosse um grande prêmio. Queria vivenciar uma conexão total com

um homem. Queria saber como era sentir Grant dentro de mim. Chegamos o mais perto possível um do outro. Queria viver essa experiência.

Grant me abraçou por trás e sua boca tocou o meu pescoço. Ele começou a mordiscá-lo. Senti meus joelhos fraquejarem.

– Você tem um gosto muito bom – sussurrou no meu ouvido, me fazendo tremer. – Quero tirar sua blusa. Fiquei imaginando os seus mamilos dentro da minha boca a semana toda.

As mãos dele pegaram a barra da minha blusa e a puxaram pela cabeça. Então abriu meu sutiã. Quando ele o tirou, ficou paralisado. Eu sabia que ele veria. Tinha me preparado para isso. Grant passou o dedo pela linha que atravessava meu peito, já tão clara que quase não dava para notar.

– O que é isso? – perguntou.

– Eu nasci prematura. Dez semanas antes do tempo. Tive que fazer algumas cirurgias antes de ser liberada. – Não quis explicar demais. Grant não precisava saber toda a verdade. Isso já bastava.

Ele abaixou a cabeça e, em vez de pegar meus mamilos, beijou a cicatriz. Fechei os olhos porque me sentia culpada por não ter contado a história completa. Depois suas duas mãos grandes e bronzeadas cobriram meus seios e eu suspirei de prazer.

– Está gostando, linda?

Fiz um esforço para assentir com a cabeça quando ele começou a beijar o meu pescoço e apertar os meus mamilos com cuidado.

– Isso, gata, arqueie essas costas para mim.

Eu nem tinha percebido, mas estava fazendo exatamente isso. Queria ficar mais perto do toque dele. Grant me deixava em êxtase. Cada vez mais eu desejava essa sensação. Ele apresentara esse mundo para mim, tanto prazer e excitação que eu nem sabia que existiam.

– Deite-se. Quero beijar esses mamilos carentes.

Não discuti. Eu queria a mesma coisa. Deitei-me na cama bem a tempo de ver Grant tirar a camisa. Vi a tatuagem que começava no ombro e descia pelo lado direito do seu peito. Não entendi o desenho, mas era sexy. Parecia tribal. Havia também uns ideogramas chineses, mas deixei para perguntar a respeito depois.

Ele desabotoou a calça. Fiquei fascinada com seu abdômen. A barriga tanquinho, o jeito como os ossos do quadril se destacavam e a pequena faixa de pelos que começava a se formar embaixo, logo depois do elástico

da cueca. Estava louca para ver como era ali na virilha, mas ainda não tinha tido oportunidade. Grant sempre tirava a minha calcinha, mas dizia que era melhor não se despir para conseguir manter a cabeça no lugar. Nunca pressionei. Mas queria ver.

Fiquei deitada enquanto ele se postou em cima de mim e me encarou com os olhos ávidos de desejo. Não desviou o olhar mesmo quando levou a boca até o meu seio e chupou o mamilo. Eu o observei. Senti os pelinhos da minha barriga se arrepiarem e precisei juntar bem as pernas para aliviar a dor agoniante que surgira ali no meio.

Grant deixou que aquele mamilo lhe escapasse da boca para então colocar a língua para fora. Deu um sorrisinho, mudou de posição e deu a mesma atenção ao outro.

Agarrei as cobertas embaixo de mim para não gritar. Era uma sensação tão boa. Era incrível sentir o calor da boca dele em qualquer parte do meu corpo, mas o melhor mesmo era quando encontrava as áreas mais sensíveis.

Então Grant começou a beijar minha barriga, e eu sabia que logo ele arrancaria o meu short. Usaria a boca para me fazer entrar em êxtase. Mas essa noite eu queria mais do que isso.

– Tire a calça – falei.

Ele parou e ergueu os olhos enquanto beijava o meu umbigo.

– Você conhece as regras. É melhor não. Não confio em mim.

Engoli o nó de nervoso que se acumulara na minha garganta.

– Eu quero... quero que você tire a calça. Não vou impedir mais nada...

– Não sabia como dizer que estava pronta. Nunca havia passado por isso antes.

Grant franziu a testa por um instante, então seus olhos brilharam do mesmo jeito excitado que eu ficava quando voltava do orgasmo.

– Você está dizendo que finalmente vou poder sentir como você é maravilhosa?

Achei que ele fosse falar que ia me comer ou me foder, mas isso... isso era melhor. Era real. Dar outro nome ao ato ou romantizá-lo de alguma forma o desmereceria. Sexo se tratava de atração mútua, eu entendia isso. Não havia necessidade de descrevê-lo com palavras bonitas, sem segundas intenções. Eu precisava que fosse um ato honesto, e ele parecia compreender isso.

Grant se aproximou de mim e colocou as mãos nas laterais da minha cabeça, olhando profundamente em meus olhos.

– Não precisamos fazer isso. Não estou pedindo nada. Se não estiver pronta, não tem problema. Eu espero.

A gentileza dele me deixava com mais vontade ainda. Ele falava sério. Não queria mesmo me pressionar.

– Eu quero... quero você.

– Caralho! – exclamou Grant, pulando da cama.

Tirou uma camisinha do bolso. Fiquei um pouco confusa e incomodada na hora, mas ao mesmo tempo feliz por ele estar preparado. Jogou o preservativo na cama. Depois, finalmente pude vê-lo abrir o zíper do jeans. A calça caiu no chão junto com a cueca boxer branca. Fiquei boquiaberta. Já havia sentido o membro dele sob o jeans; uma vez me esfreguei nele até gozar. Mas nunca imaginei que fosse tão... grande. Não sabia se ia caber.

Não tive muito tempo para me preocupar. Grant já estava arrancando meu short e minha calcinha, então voltou para a cama. Pegou os meus joelhos e abriu as minhas pernas. Eu não estava preparada para recebê-lo, primeiro tinha que relaxar um pouco.

Ele começou a beijar a parte interna das minhas coxas e lentamente foi se aproximando do ponto onde eu queria que sua boca tocasse. Quando ela pressionou a virilha, senti a língua dele deslizar até o centro. Eu estava pronta. Agarrei as cobertas com força e gritei de prazer quando ele chupou o meu clitóris.

Quando Grant fez isso pela primeira vez, fiquei constrangida até que gritei e perdi o fôlego de tanta excitação. Mas ele não deu trégua – repetiu a dose. Naquela noite eu estava tão entorpecida que não conseguia nem me mexer.

Eu não tinha muito parâmetro, mas com certeza Grant era especialista nisso. Não queria pensar muito nesse assunto. O fato era que ele sabia o que estava fazendo. Era capaz de fazer com que eu perdesse o controle, coisa que nunca me acontecera antes.

Senti meus músculos se tensionarem e a excitação se formar dentro de mim. Ele sabia como o orgasmo era bom – e Grant me levava até o céu. De repente ele parou. Quis protestar: já estava quase chegando lá.

Ele começou a beijar minha pele quente e sensível, subindo até o pescoço.

– Vou colocar aquela camisinha agora – sussurrou ao pegar o pacotinho de que eu até já tinha me esquecido. Rasgou a embalagem e desenrolou a capa protetora por todo o seu enorme comprimento. – Você parece assustada – disse, de longe.

Ergui o olhar e o encarei.

– Vai caber? – perguntei.

Um sorriso torto tomou conta de seus lábios.

– Sim, docinho. Vai, sim.

Eu não tinha tanta certeza, mas ele estava otimista.

Grant me beijou no pescoço novamente e mordiscou o lóbulo da minha orelha. Abaixou o corpo entre as minhas pernas abertas. Finalmente eu ia fazer. Queria fazer.

– Você parece tensa. Teve alguma experiência ruim? – perguntou Grant, franzindo a testa. Ele parecia preocupado.

Balancei a cabeça. Não, eu nunca tive nenhuma experiência ruim. Eu não tive experiência nenhuma! Como é que ele não sabia disso? Bem, nunca tínhamos conversado sobre o assunto, mas ele já devia ter percebido a essa altura.

– É que, eu sei o que esperar, acho... com base no que ouvi dizer.

O corpo dele se retesou. Sua expressão passou de preocupada a surpresa.

– O que está dizendo? É claro que você já...

Ele não sabia. Acho que não notou, afinal.

– É minha primeira vez.

Grant fechou os olhos rapidamente e praguejou em voz baixa. Será que não gostava de transar com virgens? Era ruim? Tentei me afastar um pouco dele; me senti vulnerável.

Ele me encarou. A ternura que havia em seus olhos me pegou desprevenida. Acomodou a cabeça na curva entre meu pescoço e meu ombro e respirou fundo. Esperei em silêncio.

– Você me escolheu – disse, finalmente. Seu hálito quente me fez estremecer. Ele se afastou um pouco e olhou para mim. – Garanto que esta vai ser uma boa experiência para você. Prometo.

Nunca duvidei disso. Sabia que ia doer no começo. Não era idiota, entendia como funcionava. Também sabia que provavelmente não chegaria ao orgasmo dessa vez, mas essa não era a questão. Queria sentir Grant dentro de mim. Queria me conectar a ele de um modo que nunca me conectei com outra pessoa. Só isso.

Grant pressionou seus lábios nos meus com cuidado, depois abaixou o corpo. A ponta do seu pau tocou a minha pele. Fiquei excitada e assustada ao mesmo tempo. Ergui os quadris para tranquilizá-lo e ele deslizou.

Quando chegou à barreira, olhou nos meus olhos e movimentou o quadril rapidamente, investindo para dentro de mim. Não senti dor, apenas uma pequena ardência. Então ele parou de se mexer.

– Você é tão apertada – disse ele, com um gemido rouco. – Minha nossa. – Sua respiração estava entrecortada. Abaixou a cabeça e respirou fundo. – Parece uma luva quente de cetim me apertando do jeito certo. Meu Deus, gata.

Não entendi direito o que aquela descrição significava, mas, pelo jeito que ele estava ofegante, devia estar gostando. A sensação ultrapassou minhas expectativas. Estava me sentindo preenchida. Com Grant dentro de mim, eu me sentia completa. Queria ele aqui.

– Preciso me mexer, mas, droga, estou com medo – comentou ele ao sair lentamente e depois entrar de novo. Ouvi-o arquejar, o que me encheu de prazer. Vê-lo sentir tanto prazer por estar dentro de mim me deixava completamente excitada. Abri as pernas e ele afundou ainda mais.

Meu clitóris pulsava só de ouvir a voz dele. O alívio familiar se aproximava, e implorei para que ele se movimentasse mais. Com mais força. A cada estocada ele roçava no meu clitóris e massageava algo dentro de mim. Eu não sabia direito o que era, mas estava vendo estrelas.

– Incrível pra caralho – vociferou, antes de cobrir minha boca com um beijo voraz.

Grant nunca tinha me beijado desse jeito. Estava perdendo o controle, como acontecia comigo quando ele me chupava. Estávamos chegando juntos ao orgasmo. A reação dele estimulava o meu corpo de um modo que não achei que fosse possível.

– Está muito bom agora – garanti.

Grant ficou tenso e se movimentou para apoiar novamente a cabeça no meu pescoço.

– Não está doendo mais? – perguntou ele, com um gemido baixo e abafado.

– Não – respondi. A ardência era aliviada pelo prazer.

Grant ergueu o corpo e olhou nos meus olhos. Os músculos do pescoço saltaram e o maxilar enrijeceu, como se estivesse se esforçando muito para segurar algo.

– Isso é... isso é mais do que... – Ele fechou os olhos e uma expressão de sofrimento tomou conta de seu rosto. – Não vou conseguir segurar por muito mais tempo. Estou tão perto.

Suas palavras bastaram para me fazer flutuar. Eu o ouvi gritar meu nome enquanto eu gritava o dele e ergui o quadril para sua última estocada. Envolvi sua cintura com as pernas a fim de mantê-lo lá. Queria sentir cada espasmo de êxtase com ele dentro de mim. Não queria que ele se mexesse.

Gritei o máximo que pude ao me agarrar a ele.

– Nunca foi tão incrível. Você me arruinou. Cacete, me arruinou de verdade. Não posso mais viver sem isso – disse ele no meu ouvido, respirando pesadamente, enquanto seu corpo estremecia junto ao meu.

Concordei. Queria isso. Nunca imaginei que era isso que me faltava. Não pretendia abrir mão. Precisava de mais. Meu medo da verdade foi deixado de lado. Não podia interromper isso. Não agora.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)